

Para entender *O capital*: livros II e III

DAVID HARVEY

São Paulo: Boitempo, 2014, 392p.

Francisco Teixeira*

Neste livro, o intento de Harvey é servir de guia ao leitor para que este possa entender os livros II e III de *O capital* nos próprios termos de Marx. Infelizmente, ele reconhece que será “particularmente difícil entender quais seriam esses termos” (p.9). Por quê? A resposta vem logo depois de afirmar que o livro II foi escrito “num alto nível de abstração”. Nesse livro, comenta, Marx considera a classe capitalista *in totum*, isto é, sem levar em conta as diversas facções de classe e suas respectivas funções como agentes representantes das diferentes formas de existência do capital industrial (capital-dinheiro, capital produtivo e capital-mercadoria). Como Harvey mesmo diz, Marx

[...] evita tratar dos agentes particulares que se vinculam a essas funções [capital monetário, capital-mercadoria e capital produtivo] como negócios particulares. Capitalistas financeiros e monetários vinculam-se à função monetária; capitalistas produtores, às funções de produção; e capitalistas mercantis (comerciais), ao capital-mercadoria. (p.55)

Eis aí a razão por que Harvey decide incorporar na leitura que faz do livro II, “aquelas partes do livro III que tratam do capital comercial e financeiro, juntamente com o sistema de crédito” (p.123). Em seguida, justifica tal procedimento:

* Professor da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: acopyara@uol.com.br.

[...] teoricamente, essa manobra faz sentido, porque o livro II começa com o estudo dos três ciclos integrados do capital [industrial] – o do dinheiro, o da produção e o das mercadorias. Porém, Marx trata desses ciclos e de suas relações internas em termos puramente técnicos, sem considerar os agentes de classe que surgem com o encargo específico de gerenciar o capital disponível nas diferentes formas do dinheiro, da produção e da mercadoria. (p.12)

Eis aí mais uma razão por que Harvey incorpora partes do livro III para compreender o livro II. Afinal, é somente no livro III que Marx expõe as determinações do capital portador de juros e do capital comercial, que são, para Harvey, extremamente importantes para entender o Livro II. Com isso, pode, agora, expor o conceito de capital industrial, suas formas e seus respectivos agentes. Tal conceito, ele importa do seu *O enigma do capital*. Aí, argui que:

O capital não é uma coisa, mas um processo em que o dinheiro é perpetuamente enviado em busca de mais dinheiro. Os capitalistas – aqueles que põem esse processo em movimento – assumem identidades muitos diferentes. Os capitalistas financistas se preocupam em ganhar mais dinheiro emprestando a outras pessoas em troca de juros. Os capitalistas comerciantes compram barato para vender caro. Os proprietários cobram alugueis porque a terra e os imóveis que possuem são recursos escassos [...] (David Harvey, *O enigma do capital*, Boitempo, 2011, p.41)

Não é preciso nenhum esforço teórico para entender que uma pessoa que tem um negócio, neste investe dinheiro para receber de volta mais dinheiro do que gastou. Quem tem dinheiro para emprestar, usa-o para ganhar mais dinheiro emprestando a juro. O comerciante ganha dinheiro comprando barato para vender mais caro. Quem tem imóveis pode alugar em troca de uma renda, pois nem todo mundo tem imóveis; estes são poucos, são escassos.

Harvey não se dá conta que esse seu esforço prosaico vai de encontro “às verdades científicas [que] serão sempre paradoxais, se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas” (Karl Marx. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982). Sua definição de capital o aproxima do método da Economia Vulgar, que se apegua à aparência das formas fetichizadas da renda e suas fontes. Com efeito, quem afirma “que os proprietários cobram alugueis porque a terra e os imóveis são escassos” está a dizer que a propriedade e a escassez são as fontes de suas rendas.

Mais do que isso, Harvey, naquela definição, identifica capital com dinheiro, quando diz “capital não é uma coisa [...] é dinheiro que procura dinheiro”. Tal definição, como apropriadamente reconhece Eleutério Prado, está incorreta (“O marxismo pé no chão de David Harvey”, disponível em: <www.theotoniodos-santos.blogspot.com>), pois dinheiro e mercadorias não são capital, são formas ou uniformes que o capital veste em seu movimento de autovalorização. Assim,

nesse movimento, o capital assume a forma dinheiro para logo abandoná-la e se transformar na forma mercadoria, para, em seguida, dela se despir e voltar a ser dinheiro num movimento tendencialmente infinito.

Esse não é o único erro que Harvey comete. Ele desconsidera por completo o método de exposição de Marx, que exige que as categorias sejam apresentadas na ordem em que se relacionam umas com as outras. Por exemplo, Marx não poderia ter começado sua exposição com a categoria dinheiro, pois este é produto da contradição entre valor de uso e valor de troca da mercadoria.

Houvesse Harvey dado atenção à advertência que Marx faz no prefácio da edição francesa não teria atropelado a ordem de exposição categorial de *O capital*. Nesse prefácio, Marx previne o público francês para que este não tenha pressa para chegar logo ao final de *O capital*, pois a verdade não se encontra logo no começo. Como ele mesmo o diz,

[...] o método que eu utilizei e que ainda não havia sido aplicado aos assuntos econômicos torna bastante árdua a leitura dos primeiros capítulos, e é de se temer que o público francês, sempre impaciente em chegar às conclusões e ávido em conhecer a conexão entre os fundamentos gerais e as questões imediatas que o apaixonam, venha a desanimar em prosseguir a leitura porque tudo não se encontra logo no começo. (Marx, Prefácio à edição francesa de *O capital*, v.I, 1985, p.23)

Por tudo isso, um autor que se propõe a servir de guia de leitura para entender *O capital* o faz, não nos próprios termos de Marx, mas, sim, a seu modo. O Marx que Harvey apresenta aos seus leitores é um Marx desfigurado, rebaixado à mais grosseira empiria. Não sem razão, Harvey identifica uma incompatibilidade entre a tese marxiana do empobrecimento crescente da classe trabalhadora, exposta no capítulo XXIII do livro I, com os esquemas de reprodução, dos quais deriva a ideia de um consumo crescente dos trabalhadores na sociedade contemporânea. Como bom marxista que acredita ser, Harvey não foge dessa contradição. Convicto do seu grande achado, brada em voz alta que marxistas “jamais deveriam fugir dessa contradição apenas porque é séria e inconveniente” (p.304) para, em seguida, acrescentar que essa contradição “que encontramos aqui deriva muito mais do pressuposto marxiano de um modelo de duas classes do que de qualquer situação real” (p.305). Harvey identifica essa contradição em Marx como se ela fosse da ordem do pensar, e não da realidade mesma.

Se vivo fosse, que diria Marx de tamanho absurdo? Certamente, condenaria esse senhor por lhe atribuir a ideia de que as contradições são da ordem do pensar. Indignado, Marx o convidaria a ler a *Introdução de 1857*, na qual ele diz que as categorias são da ordem do ser e do pensar. Logo, as contradições são sempre reais e não subjetivas, como pensa Harvey.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Análises feministas materialistas e imbricionistas

Jules Falquet

Benjamin leitor de Marx

Anita Schlesener

Crítica à leitura lukacsiana do jovem Marx

Armando Boito Jr.

Segunda servidão no Leste

Sergey D. Skazkine

Dossiê: Imperialismo brasileiro?

Virgínia Fontes, Tatiana Berringer,
Mathias Luce e Angelita Souza

36